

Bahia perde Mário Cravo Júnior

Artista plástico morreu aos 95 anos e será sepultado hoje, no Jardim da Saudade

YURI ABREU
REPÓRTER

Último modernista baiano vivo até então, o artista plástico Mário Cravo Júnior morreu nesta quarta-feira (pouco depois das 10h), aos 95 anos, de falência múltipla dos órgãos. Ele estava internado no Hospital Teresa de Lisieux, no bairro do Itaigara, desde o dia 19 de julho, por conta de uma pneumonia. No último sábado, dia 28, ele apresentou melhora de saúde e até recebeu alta da UTI, onde estava internado. O enterro será na tarde de hoje, às 15h30, no cemitério Jardim da Saudade, em Brotas.

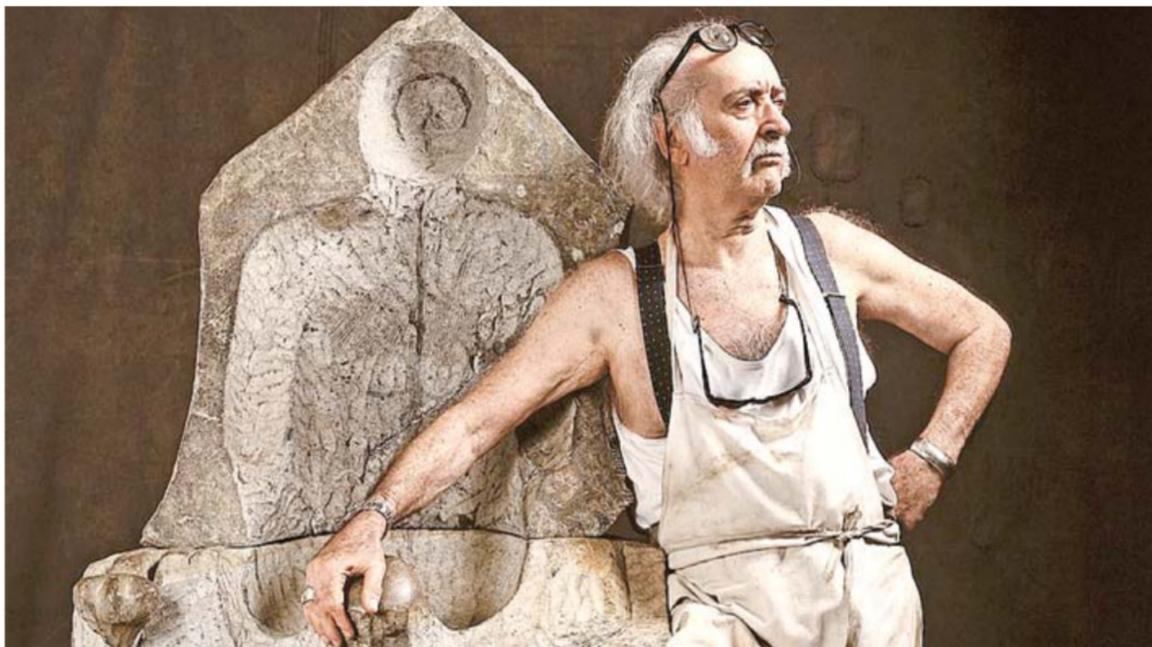
Nascido no dia 13 de abril de 1923, em Salvador, Mário Cravo Júnior – ex-aluno do Colégio Antônio Vieira, no Garcia – demonstrou, desde cedo, o gosto pelas artes, executando suas primeiras esculturas entre os anos de 1938 e 1945, quando viajava pelo interior do estado. Dois anos depois, trabalhou com o santeiro Pedro Ferreira, também na capital baiana, mudando-se, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde estagiou no ateliê do escultor Humberto Cozzo.

Em 1947, o artista plástico realizou a primeira exposição individual da carreira. Nesse mesmo ano, foi aceito como aluno especial do escultor iugoslavo Ivan Mestrovic na Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos. Após a conclusão do curso, se mudou para a cidade de Nova York, voltando para Salvador em 1949, quando instalou o próprio ateliê no Largo da Barra. Ele chegou a morar em Berlim, na Alemanha, entre os anos de 1964 e 1965.

Além de artista plástico, ele também foi professor. Em 1954, lecionou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em 1966, após passagem pela Europa, ele obtém o título de Doutor em Belas Artes pela mesma Universidade, assumindo, na sequência, o cargo de diretor do Museu de Arte da Moderna da Bahia (MAM/BA), posição que ocupou até o ano de 1967.

Catorze anos depois, em 1981, Mário Cravo Júnior coordenou a implantação do curso de especialização em gravura e escultura da Escola de Belas Artes da UFBA. Em 1994, doou várias obras para o Estado da Bahia, compondo o acervo do Espaço Cravo, localizado no Parque Metropolitano de Pituvaçu, com mais de três mil peças.

Além desta, outras intervenções do artista podem ser encontradas pela



capital baiana como o Monumento às Quatro Raças, localizado na Praça Cayru, perto do Elevador Lacerda, a Cruz Caída, na Praça da Sé, a Sereia de Itapuã e o Memorial a Clériston Andrade, na Avenida Garibaldi. Último modernista baiano vivo até então, o artista plástico Mário Cravo Júnior morreu nesta quarta-feira (pouco depois das 10h), aos 95 anos, de falência múltipla dos órgãos. Ele estava internado no Hospital Teresa de Lisieux, no bairro do Itaigara, desde o dia 19 de julho, por conta de uma pneumonia. No último sábado, dia 28, ele apresentou melhora de saúde e até recebeu alta da UTI, onde estava internado.

O enterro será na tarde de hoje, às 15h30, no cemitério Jardim da Saudade, em Brotas.

Nascido no dia 13 de abril de 1923, em Salvador, Mário Cravo Júnior – ex-aluno do Colégio Antônio Vieira, no Garcia – demonstrou, desde cedo, o gosto pelas artes, executando suas primeiras esculturas entre os anos de 1938 e 1945, quando viaja-

va pelo interior do estado. Dois anos depois, trabalhou com o santeiro Pedro Ferreira, também na capital baiana, mudando-se, posteriormente, para o Rio de Janeiro, onde estagiou no ateliê do escultor Humberto Cozzo.

Em 1947, o artista plástico realizou a primeira exposição individual da carreira. Nesse mesmo ano, foi aceito como aluno especial do escultor iugoslavo Ivan Mestrovic na Universidade de Syracuse, nos Estados Unidos. Após a conclusão do curso, se mudou para a cidade de Nova York, voltando para Salvador em 1949, quando instalou o próprio ateliê no Largo da Barra. Ele chegou a morar em Berlim, na Alemanha, entre os anos de 1964 e 1965.

Além de artista plástico, ele também foi professor. Em 1954, lecionou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Em 1966, após passagem pela Europa, ele obtém o título de Doutor em Belas Artes pela mesma Universidade, assumindo, na sequência, o cargo de diretor do Museu de Arte da



Moderna da Bahia (MAM/BA), posição que ocupou até o ano de 1967.

Catorze anos depois, em 1981, Mário Cravo Júnior coordenou a implantação do curso de especialização em gravura e escultura da Escola de Belas Artes da UFBA. Em 1994, doou várias obras para o Estado da Bahia, compondo o acervo do Espaço Cravo, localizado no Parque

Metropolitano de Pituvaçu, com mais de três mil peças.

Além desta, outras intervenções do artista podem ser encontradas pela capital baiana como o Monumento às Quatro Raças, localizado na Praça Cayru, perto do Elevador Lacerda, a Cruz Caída, na Praça da Sé, a Sereia de Itapuã e o Memorial a Clériston Andrade, na Avenida Garibaldi.

Autoridades lamentam a morte do artista

O legado deixado pelo artista plástico foi lembrado por autoridades e artistas que lamentaram a morte de Mário Cravo Júnior. Em nota, o governador do estado, Rui Costa, falou sobre a importância do artista para a arte produzida na Bahia.

“Mário Cravo Júnior soube ser local e universal em sua arte única. Escultor, gravador, desenhista e professor, percorreu o mundo, juntou conhecimento e experiências; e voltou à

Bahia como professor universitário e diretor de museu, com uma bagagem artística extraordinária. Perdemos um ilustre nome das artes, que se eternizará na memória de todos os baianos.

Neste momento de dor, solidarizamos-nos com os familiares e amigos mais próximos e transmitimos nosso profundo sentimento de pesar”, disse o governador.

O prefeito de Salvador, ACM Neto, também co-

mentou a passagem de Mário Cravo Júnior.

“O mundo perde, hoje, um dos maiores expoentes da arte moderna. Escultor, pintor, gravador e desenhista, Mário Cravo Júnior foi responsável por difundir a cultura produzida na Bahia com brilhantismo, ao lado de artistas como Carybé, Carlos Bastos, Jenner e Genaro de Carvalho. Desejo serenidade à família do artista neste momento de dor e luto”, afirmou. A se-

nadora Lídice da Mata (PSB) foi mais uma a prestar condolências. “É com muito pesar que lamento a morte do artista plástico Mário Cravo Jr.

Meus sentimentos a todos os amigos e familiares deste importante personagem da arte e cultura da Bahia”, comentou. O Museu de Arte Moderna da Bahia anunciou, nesta quarta-feira, que dedicará a exposição Acervo do MAM ao artista. A abertura será hoje, a partir das 18h.

DECISÃO

STF mantém idade mínima para ingresso no ensino fundamental

O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu ontem (1º) manter a validade da norma que definiu a idade mínima em que crianças podem ser matriculadas no ensino fundamental nas escolas públicas e particulares. A questão foi julgada a partir de questionamentos da Procuradoria-Geral da República (PGR) e do estado do Mato Grosso do Sul.

Por maioria de votos, a Corte julgou

constitucional as resoluções editadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), em 2010. As regras definiram que a matrícula no primeiro ano do ensino fundamental só pode ser feita se a criança tiver completado 6 anos de idade até o dia 31 de março do ano da matrícula. Dessa forma, se ainda tiver 5 anos, a criança deve continuar na educação infantil até completar o critério.

O julgamento começou em maio, mas foi interrompi-

do por um pedido de vista do ministro Marco Aurélio, quando tinha sido registrado placar a favor das resoluções. Na sessão de hoje, os ministros Marco Aurélio, Celso de Mello e a presidente Cármen Lúcia, últimos a votar, também se manifestaram favoravelmente ao corte temporal.

Segundo Cármen Lúcia, o CNE levou em conta questões psíquicas e a unificação nacional da educação para definir a idade mínima

Negar a uma criança a educação formal é negar a ela não a capacidade apenas de exercer sua liberdade, mas de se libertar de condições que não são aquelas constitucionalmente previstas

para o ingresso no ensino fundamental. Em eu voto, a ministra também afirmou que o grande problema do Brasil é falta de educação eficiente.

“Negar a uma criança a educação formal é negar a ela não a capacidade apenas de exercer sua liberdade, mas de se libertar de condi-

ções que não são aquelas constitucionalmente previstas”, disse.

A controvérsia sobre a questão ocorre porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabeleceu que o ensino fundamental começa aos 6 anos de idade.